



PENSAMENTO CIENTÍFICO EM CONSTRUÇÃO

Francisco Victor Macedo PEREIRA¹

José Antônio Feitosa APOLINÁRIO²

Nefatalin GONÇALVES NETO³

Fiel a seu projeto inicial de contemplar a pesquisa na área de Humanidades, o novo volume da *Revista Entheoria* apresenta uma miscelânea de artigos cuja reflexão aponta, novamente, para o caráter de extrema movimentação que possuem as pesquisas na área de linguagem no território brasileiro. Nessa coletânea aberta, a reunião da amplitude de temas e pesquisas, antes de aparentar uma descontextualização, implica em um esforço para um retrato da multifacetada condição dos caminhos das pesquisas no Brasil e, inclusive, fora dele. Dessa forma, para contemplar essa pluralidade, o volume está dividido em duas partes: Literatura e Linguística.

Entretanto, é preciso deixar posto que, apesar de os artigos se dividirem em dois grupos maiores, não implica que os textos versem apenas dentro dos dois campos maiores, antes, todos eles se expandem para outros espaços, como soem acontecer em textos cuja procura se dá na profundidade da pesquisa. Assim, apesar de presente na área da literatura, por exemplo, os textos discutem a cultura, os quadrinhos, o posicionamento social e mesmo a atuação desses textos em sala de aula. O mesmo com a grande área da Linguística que, inclusive, apresenta teóricos e aportes para as análises realizadas no bloco de Literatura.

Retomando, este número da *Revista Entheoria* dedica espaço ao múltiplo e plural. E abre-se a esse intuito com uma seção de textos voltados para o literário iniciando-se com um

¹ Professor de filosofia da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILAB).

² Professor de Filosofia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

³ Professor de Língua Latina e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).



artigo da pesquisadora portuguesa Annabela Rita intitulado “Almada Negreiros: um olhar entre tempos”. O texto tem por intuito analisar quais as propostas de inovação modernista levadas a cabo por Almada Negreiros. Em suas linhas, a eminente professora realiza um olhar retrospectivo as tradições que embasam o artista em análise, a saber, a erudita e a popular (tradicional, nacional) para, através de exemplos destacados, comprovar como esse processo não é apenas utilizado por Almada Negreiros, mas por todos os participantes do modernismo português.

O texto que segue, de Ibiraci de Alencar Chagas, intitula-se “Notas sobre história, ficção e realidade em *Taras Bulba* de Nikolai Gogol” e se dedica a trabalhar com as noções de História, Ficção e Realidade da concepção literária de Nikolai Gogol, com olhar voltado em específico para o romance *Taras Bulba*. Nele, o autor reflete sobre as relações entre as categorias teóricas que vão se deslindando dentro do processo de contextualização promovido pelo romance. A proposta crítica de Chagas serve como mote perfeito para materializar a problemática literária, mas sem esgotá-la. Isso se comprova com o artigo subsequente, “Conto de Fadas em (re)construção: veredas decoloniais e polissêmicas na Literatura Infantil”, no qual Juliene da Silva Marques e Nadine de Andrade comprovam, por meio de sua análise, que o ficcional se vale de outros meios que não somente o histórico e o real, mas muitas vezes olha pra dentro de si e investe poderosamente no *fictum* a fim de compor releituras do cultural. Nessa chave de proposta, o texto de Marques e Andrade compara o conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*, dos Irmãos Grimm, com sua adaptação, intitulada *Chapeuzinho Vermelho e o Boto-Cor-de-Rosa*, de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho e ilustrações de Walter Lara. A partir de tal proposta, a leitura demonstra como a ressignificação narrativa via adaptação pode permitir processos de decolonialidade e polissemia discursiva.

Em sequência, Fernanda Surubi Fernandes, com seu “A corporificação do monstro em *Papa-Capim – Noite Branca*, de Marcela Godoy e Renato Guedes” analisa a presença do corpo monstruoso no quadrinho *Papa-capim – Noite Branca*, de Marcela Godoy e Renato Guedes (2016). Por meio de referenciais fornecidos pela Análise de Discurso de linhagem francesa a autora sistematiza a ideia de monstro e os motivos pelos quais ele precisa ser combatido a fim de entender a monstruosidade da personagem Noite Branca e quais as



possíveis leituras alegóricas que sua figura demanda no quadrinho. Já Claudionor Ramalho Santana, em seu “Memória, subjetividade e o papel autoral em Ponciá Vicêncio” propõe questões como a memória (social e individual), o local de fala, a autoria negra e a representação coletiva como elementos para analisar o romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo. A partir de tais categorias e de suas sistematizações, o autor questiona os problemas coletivos e mostra como o romance os problematiza sem cair em uma possível estereotipagem das questões tratadas. Assim, entre trauma e lembrança, a análise se constrói de forma a permitir que o leitor crie, também, suas margens de leitura e interpretação dos acontecimentos narrados.

Já a segunda parte do volume, dedicada aos estudos de Linguística, temos quatro textos que se voltam para diversas questões de linguagem e suas problemáticas. O primeiro deles, de autoria de Célia Maria Medeiros Barbosa da Silva e Maria de Fátima Silva dos Santos, intitulado argutamente de “Atividades de Gramática no livro didático de Língua Portuguesa”, intenta mostrar como, apesar de certo mascaramento, o livro didático de língua portuguesa ainda mantém um mesmo padrão de atividades de gramática que, ao invés de explorar seu uso e ampliar a leitura de suas possibilidades, oca em atividades de repetição e decoração de conceitos. Ao considerar o livro didático como ferramenta mestra e primeiro recurso do professor em sala de aula, o artigo classifica as principais tipologias das atividades gramaticais reveladas nele, bem como analisa suas premissas e possibilidades – ainda voltadas muito mais para a forma que para o uso. Já em “Colonialidade do português em Moçambique: embate no desenvolvimento das Línguas Bantu” Luis Ausse e João Claudio Arendt partem da Constituição da República de Moçambique para questionar o projeto de liberdade, autonomia e valorização da nação nascente em relação à antiga colonização que se mantém arraigada por meio de diversos artifícios. Por meio de uma reflexão sobre as línguas moçambicanas de origem bantu temos o esclarecimento de como elas foram expropriadas de modo a implantar uma pretensa unidade nacional. Assim, o artigo discute performaticamente aspectos instituídos da política linguística de Moçambique, comprovando de que forma a hegemonia do português no país, somado à implantação de instituições portuguesas de valorização cultural, promovem uma colonialidade da linguagem – chamado, no artigo, de epistemicídio e/ou linguicídio.



João Victor da Silva Carvalho, em “Só podia ser de Pernambuco: da estereotipia à resistência no espaço digital”, se compromete a, filiado ao campo da Análise de Discurso de linhagem francesa (AD), analisar questões do processo de (des)identificação de discursos ligados às práticas sociais que ocorrem nas redes sociais. Por meio do tuíte-enunciado “Só podia ser de Pernambuco”, o pesquisador analisa os possíveis movimentos de identificação e a inscrição do sujeito na formação discursiva (FD) da Pernambucanidade nos/pelos funcionamentos de paráfrase e polissemia, bem como a relação entre repetir/deslocar que se estabelece com as formações imaginárias sobre o pernambucano e a memória discursiva. Por fim, o volume se encerra com “Dialogismo, relações dialógicas e a palavra como unidade sónica: princípios norteadores da teoria bakhtiniana”, de Antonio Victor Silva Bonfim. Nele, o autor se debruça sobre as recentes pesquisas no campo dos estudos bakhtinianos para comprovar que, apesar de elas pensarem o dialogismo como sinônimo de vários diálogos e/ou vozes no interior do discurso, ele ultrapassa essa simplicidade em favor de um princípio constitutivo da linguagem que vai além de vozes, mas também as implica relações dialógicas enquanto epistemologia de seu pensamento. Por meio dessa senda, o autor passa a deslindar como pensamento de Bakhtin propõe uma estética filosófica que conclui na em um apostura que enxerga a representação sónica possível apenas dentro de um contexto semântico-ideológico e que assume diferentes matizes valorativos em cada contexto comunicacional.

O conjunto de artigos que compõem este primeiro volume do ano revela, de maneira plural e, ao mesmo tempo, direcionado, não somente a multiplicidade temática das Humanidades, mas também como um mesmo fenômeno (a linguagem) possui diversas formas de abordagem, análises e possibilidades de leitura. Desta maneira, distante de uma falsa unanimidade, o conjunto luta contra o estancamento e o conformismo de uma determinada tradição, mas traduz, no enfrentamento crítico plural, que inexiste plenitude teórica ou modo único de se compreender um fenômeno.